

memória **CULT**

Ouro Preto - MG - Brasil - Ano II - nº6 - dezembro de 2012



Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais - 120 anos

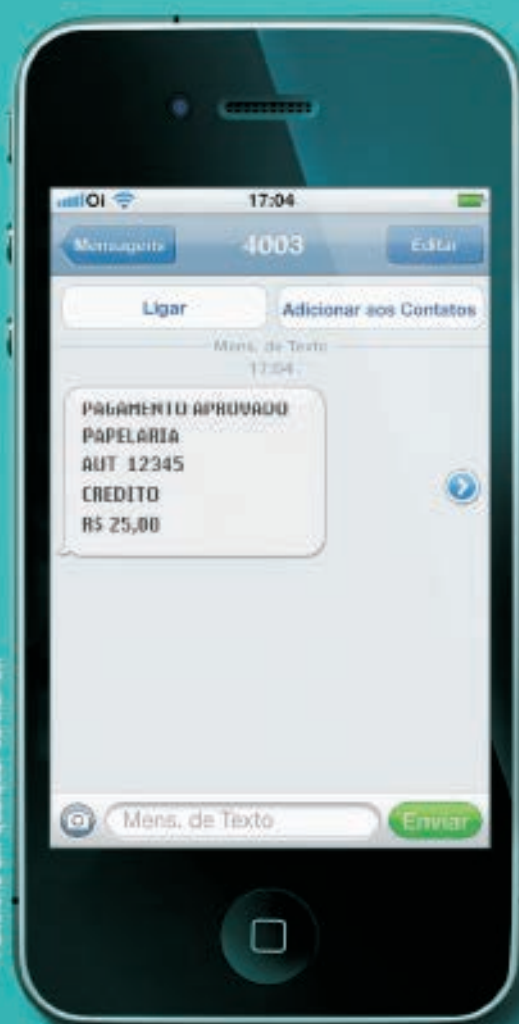
Tancredo de Almeida Neves: O Promotor de Justiça da Capital dos Inconfidentes - Marcos Paulo de Souza Miranda

Entrevista: Justiça, Patrimônio & Cultura
Juiz Bruno Terra Dias



SEU CELULAR OI AGORA TAMBÉM É CARTÃO DE CRÉDITO.

MAIS UMA NOVIDADE DA OI PRA VOCÊ FAZER
COMPRAS E RECARGAS COM O CELULAR.



Funciona em qualquer celular Oi.

Com o Cartão de Crédito Oi você tem a liberdade de comprar com o celular Oi ou com o cartão tradicional. O pagamento com celular está disponível em mais de 1 milhão de estabelecimentos credenciados à Cielo. O Cartão de Crédito Oi é uma parceria entre a Oi e o Banco do Brasil.

Acesse o site oi.com.br/cartaodecreditooi e saiba mais sobre essa novidade.

Produto sujeito a análise de crédito.

ditorial



Finalmente, cerca de um ano depois, temos o nº 6 desta Revista Memória **CULT**, em nova etapa editorial. Fernando Junqueira, em razão de suas atividades profissionais, tendo assumido novos desafios na Capital Federal, deixa de ser editor a partir deste número.

O entrevistado desta edição é o Juiz Bruno Terra Dias, que deixa a presidência a Associação dos Magistrados de Minas Gerais, AMAGIS, após imprimir significativo dinamismo e acentuado comprometimento da entidade com a cultura.

Temos nesta edição, com destaque na capa, os 120 anos da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais; A Comenda da Liberdade e Cidadania, que distingue personalidades ligadas ao tema, é uma honraria entregue no local onde nasceu Tiradentes;

O Promotor Coordenador das Promotorias de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, Marcos Paulo de Souza Miranda, nos brinda com o artigo “Tancredo de Almeida Neves: O Promotor de Justiça da Capital dos Inconfidentes”;

“Entre a chibata e a liberdade: o conjurado Vitoriano Gonçalves Veloso” é o tema do artigo do Pesquisador e Historiador, José Antônio de Ávila Sacramento;

O Historiador e Arqueólogo Fabiano Lopes de Paula escreve sobre “Cemitério Anglicano e a Maçonaria no século XIX - Morro Velho - Nova Lima, MG”;

“Ecologia, o novo nome da política” artigo escrito por Marco Aurélio Baggio, Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - SOBRAMES;

O Engenheiro, Arquiteto e Historiador, Prof. Ivo Porto de Menezes, aborda em seu artigo a residência de Tomás Antônio Gonzaga em Vila Rica.

Salientamos que assumimos em dezembro de 2011 a Direção-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, a convite do Governador Antonio Anastasia, após carreira de quase 40 anos no Ministério da Fazenda, do qual fomos o Superintendente em Minas Gerais por mais de uma década. Em consequência deixamos, também, a Coordenação Executiva do Fórum de Dirigente Federais de Minas Gerais, que fundamos em 2003 e a Coordenação Executiva do Sistema de Museus de Ouro Preto, que também criamos cerca de 2 anos depois. Esclarecemos, por muito oportuno, que esta Revista Memória **CULT** é impressa em gráfica particular, não tendo qualquer tipo de vínculo com a Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

Aguardamos sua opinião.

Boa leitura!

Eugênio Ferraz*

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória **CULT**

*Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do IHGGMG e da Arcádia de MG, é o Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais



umário



30

**Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais - 120 anos**

14

**Tancredo de Almeida Neves:
O Promotor de Justiça da
Capital dos Inconfidentes**

06

Página do Artista

Fernando Pacheco

07

Justiça, Patrimônio & Cultura

Entrevista com o Juiz Bruno Terra Dias

10

**Comenda da Liberdade
e Cidadania**

18

Entre a chibata e a liberdade:

o conjurado Vitoriano Gonçalves Veloso

24

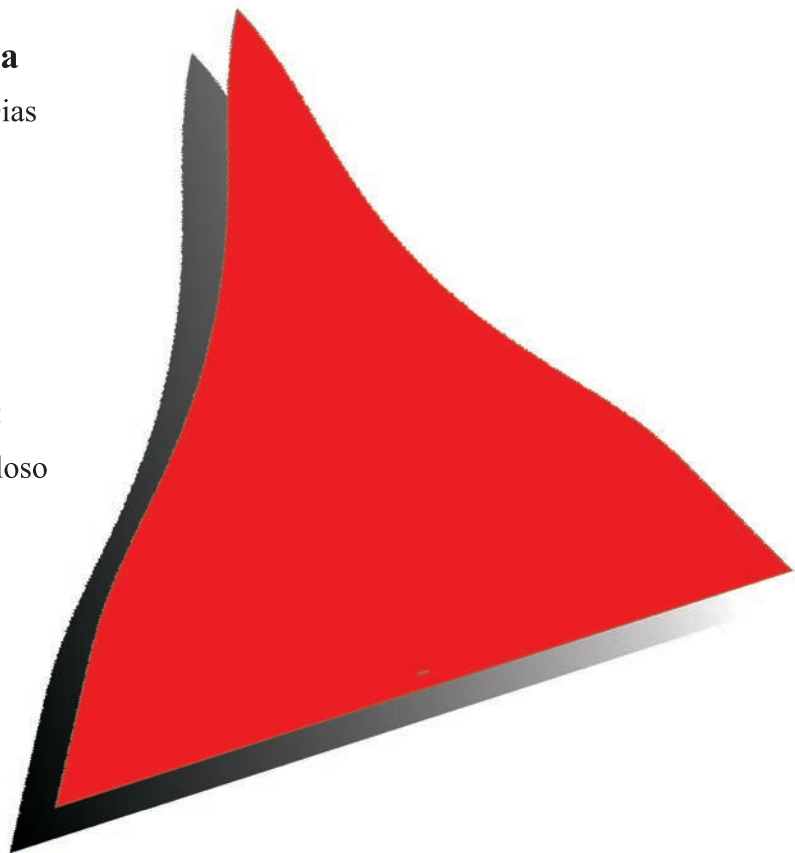
**Cemitério Anglicano e a
Maçonaria no século XIX**

28

**Ecologia, o novo nome
da política**

34

**Tomás Antônio Gonzaga
e sua residência em Vila Rica**



Espaço do leitor

Envie críticas, sugestões e comentário para o aprimoramento desta revista: memoriacult@gmail.com

A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Acuso o recebimento da Revista Memória **CULT**, números 02 e 03, relativos aos meses de março e abril, as quais muito agradeço.

Apraz-me, entretanto traçar algumas considerações: o conteúdo excelente, bastante informativo, em linguagem moderna e comunicação direta, servindo (ou agradando) assim as diferentes clientelas, seja ao público comum ávido por conhecimentos, ou ao acadêmico mais severo em suas considerações; a apresentação não poderia ser melhor, capa de papel com maior diagramação para uma permanente boa apresentação, impressão de primeira qualidade, fotografias e texto bastante equilibrado.

Portudo isso nos o parabenizamos e entusiasmos o concitamos a continuação sem mudanças, desse sucesso. Um forte abraço.

Adilson Cezar, Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba

Recebi com grande satisfação os quatro primeiros números da revista.

Sua publicação além de agradável entretenimento é de suma importância para a preservação da rica história de nosso Estado. Os textos são ótimos, lindas fotos e impressão gráfica excelente.

Meus parabéns extensivos a toda equipe, e muito sucesso em suas futuras edições.

Maria Leticia Nelson de Senna, Presidente da Associação de Amigos do Museu da Inconfidência de Ouro Preto

Quero copiar uma das expressões do saudoso Vice-Presidente José Alencar para definir a Revista Memória Cult, tão bem produzida pelo Eugênio Ferraz e equipe: ela está “um colosso”.

Bem escrita, com ótima visualização e conteúdo. Os artigos, as histórias e personagens nos leva a viajar nas várias Minas e nos muitos mundos que cada uma das suas páginas nos revela.

Como um apreciador da cultura e ardente defensor do patrimônio cultural e ambiental do nosso Estado e do Brasil, vejo a revista Memória **CULT** também como um grandioso instrumento de divulgação das boas práticas, ações e resultados. “Um colosso” diria José Alencar.

Jarbas Soares Júnior, Membro do Conselho Nacional do Ministério Público

Expediente

Ouro Preto, Minas Gerais Brasil Ano II nº 6 dezembro de 2012

Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

Editor | Petrônio Souza - Reg.: MG 07124/JP

Projeto Gráfico | Raphael Simões

Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos

As manifestações expressas em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.

Foto da capa - Marco Evangelista

FERNANDO PACHECO



Foto: Marco Evangelista

Surpreendente, sob todos os aspectos, o painel de 3 x 2m, do consagrado artista Fernando Pacheco, inspirado nas comemorações - em 2012 - dos 120 anos da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais que dá a legalidade, divulga e eterniza os atos dos Poderes do Estado por meio do Diário Oficial “Minas Gerais”.

Carregado de simbolismo e literalidade na força pictórica, tal qual Minas Gerais representa, o trabalho explicita os fundamentos de nossa nacionalidade e a importância cultural desta terra síntese do Brasil.

“Doce Música Mecânica”, apropriado e oportuno título do importante painel, resumo da trajetória dos 120 anos da Imprensa Oficial, repete frase do poema de Carlos Drummond de Andrade, a este aliando e saudando Murilo Rubião, José Maria Alkmin e Juscelino Kubitschek, dentre tantos outros intelectuais, administradores, jornalistas e escritores que marcaram presença na Casa.

O Painel está exposto, permanentemente, na Imprensa Oficial, em espaço cultural aberto à visitação pública, na Avenida Augusto de Lima, 270, Centro, Belo Horizonte, MG.

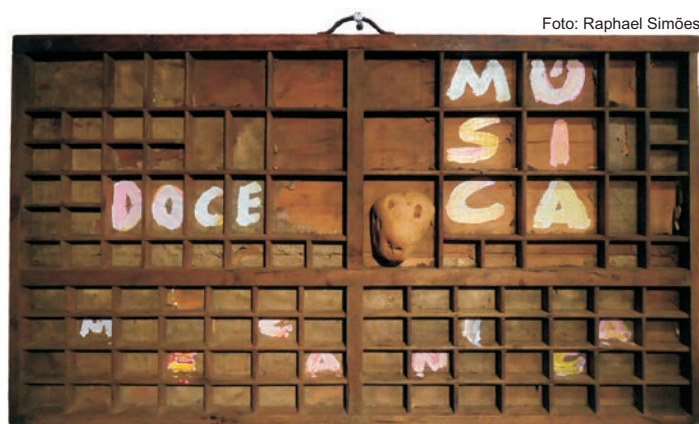


Foto: Raphael Simões

Antiga caixa de “tipos”, com uma “pedra no caminho”, peça esta que lembra a clássica imagem de Carlos Drummond de Andrade.

O Artista

Fernando Pacheco, nascido em São João del-Rei, berço de ilustres mineiros, ainda adolescente, conviveu no Rio de Janeiro com pintores e intelectuais da efervescente cena carioca dos anos 60.

O artista expôs individualmente em todas as principais galerias de arte de Belo Horizonte. Em sua trajetória, estão os principais museus de todo o País. Obteve 20 premiações, 35 distinções diversas e realizou 45 individuais. Sua obra está representada em diversos e importantes acervos e coleções particulares do Brasil e do exterior; como por exemplo a Fundación Albéniz Escuela Superior de Música Reina Sofía, Espanha.

Internacionalmente participou de mostras oficiais em Atami, Kioto e Tóquio no Japão; Miami, Chicago e Nova York nos EUA; Buenos Aires na Argentina; Santiago no Chile; Auckland e Wellington na Nova Zelândia.

Site: www.fernandopacheco.com.br/ E-mail: fp@fernandopacheco.com.br

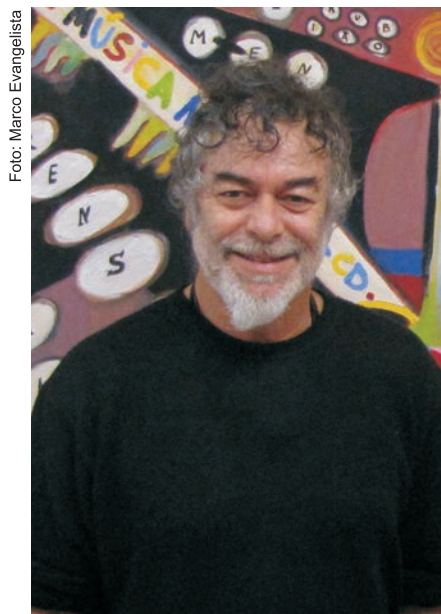


Foto: Marco Evangelista

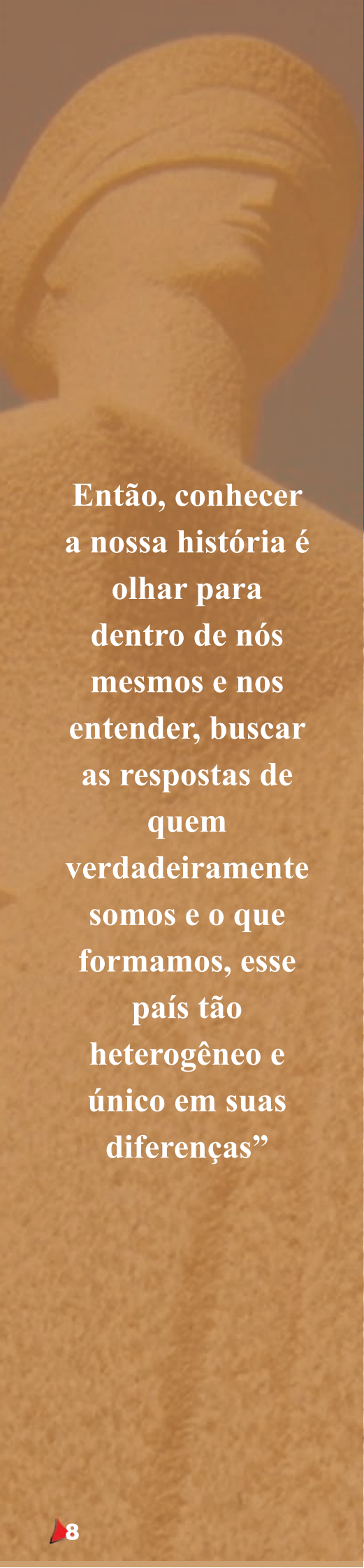
Justiça, Patrimônio & Cultura

Ele é um homem do Direito, mas é nas letras que encontramos sua alma traduzida, seus sonhos revelados. Na balança de sua vida, o equilíbrio entre as letras e a magistratura. Leitor contumaz, fez da literatura seu mergulho na alma humana e no tempo, sua busca pelas respostas escondidas de nós nas linhas do destino. É assim que o **JUIZ DE DIREITO BRUNO TERRA DIAS** se revela em um tranquilo e proveitoso bate-papo para as páginas da Revista Memória **CULT**, elencando um rosário de escritores que fazem parte de sua formação e de sua vida. Ex-presidente da Associação dos Magistrados Mineiros - Amagis, membro efetivo do Instituto dos Advogados de Minas Gerais - IAMG, e do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais - IHGMG, Bruno Terra Dias participou de importante projeto pela preservação do patrimônio artístico e arquitetônico de Minas Gerais, esclarecendo que “a arquitetura nos proporciona entender um pouco da cultura de cada povo, de cada época”.

Foto: arquivo pessoal



“a arquitetura
nos proporciona
entender um
pouco da cultura
de cada povo, de
cada época”



**Então, conhecer
a nossa história é
olhar para
dentro de nós
mesmos e nos
entender, buscar
as respostas de
quem
verdadeiramente
somos e o que
formamos, esse
país tão
heterogêneo e
único em suas
diferenças”**

Aprofundando sua visão contemplativa sobre as grandes obras da arquitetura universal, ele detalha sua leitura esclarecendo que “é por meio das edificações urbanas que lemos um pouco da 'alma' que guia cada civilização, pois ela é a consolidação de suas intenções. Veja, como exemplo, a arquitetura de Atenas, era tudo um tanto quanto irregular, com saídas para todos os lados, opções, trilhas, evidenciando uma arquitetura da democracia. Por outro lado veja a Roma antiga, ela era toda esquadrinhada, como uma peça de frações militares. Não era uma democracia, e na arquitetura se lê tudo isso. Pense na arquitetura Gótica, aquela coisa grandiosa que intimidava, traduzindo a superioridade de Deus e a pequenez do homem! Tudo isso são valores, e se não tivermos a noção do quão importante é nossa arquitetura em diferentes épocas, não mereceremos viver como nação. Por outro lado, veja o exemplo do povo judeu, que viveu séculos sem território, mas edificou ao redor de sua cultura, uma grande Nação”.

Cronista inspirado, Bruno Terra Dias lembra que foi atuando como juiz de Direto na região Norte de Minas que despertou “para a importância da preservação de nossa história e da divulgação dos nossos valores culturais, pois isso é a base de nosso povo, é a nossa formação. E só podemos preservar aquilo que conhecemos e só podemos amar aquilo que faz parte de nós. Então, conhecer a nossa história é olhar para dentro de nós mesmos e nos entender, buscar as respostas de quem verdadeiramente somos e o que formamos, esse país tão heterogêneo e único em suas diferenças”.

“Saber de saber vivido”

A conversa ia longe quando Bruno se pôs a lembrar desse contato inicial com a preservação de nossa cultura e seu resgate. “Eu me lembro que em Montes Claros começou um importante projeto de resgate histórico e de identidade cultural chamado de Movimento Catrumano. Catrumano, essa palavra forte, é na verdade uma corruptela de quadrúmano, uma forma depreciativa de referenciar o povo sertanejo do Norte de Minas. Mas o significado da palavra se alterou com o tempo, criando uma espécie de identidade norte-mineira, e levou a preservação da cultura pastoril daquele povo dos Gerais, dos currais de gado, que vem desde o início da formação territorial de nosso Estado, quando as fazendas situadas nas margens do Rio São Francisco abasteciam a região mineradora. Aquelas fazendas eram mais antigas que a Capitania de Minas Gerais, criada apenas em 1720, pois as capitanias de Pernambuco e da Bahia margeavam o rio da integração nacional em boa parte do que hoje é o nosso Estado. Dali provinha o abastecimento de carne e outros víveres para a região mineradora. O Norte tem uma participação direta e determinante na formação do povo mineiro e essa cultura catrumana integra a cultura da Minas originária. O problema é que essa grande região que compõe o Norte de Minas, proibida de comerciar com Salvador, em 1702, e só podendo comerciar com as populações da região aurífera, de modo a permitir a formação e fixação de uma sociedade e a extração de ouro para a coroa portuguesa, paulatinamente sofreu as consequências do estreitamento dos laços mercantis e de comunicação de Vila Rica com o Rio de Janeiro, encobrendo sua história e importância.

Resgatar a verdade é essencial, pois, quando a pessoa não desenvolve um sentimento de pertencimento histórico de sua região ao território do seu estado, ela não cria o laço político de afirmação de sua origem; recontando a história do Norte de Minas vamos trazer ao mineiro o senso de sua integralidade”.

Filho do contador Átilla Lanza Dias e da funcionária pública municipal Juraci Terra Dias, Bruno Terra Dias nasceu em Belo Horizonte, em 1963, e se formou pela Faculdade de Direito da UFMG em dezembro de 1985. Sobre a escolha do curso, lembra que a sua “decisão foi tomada em um momento de dificuldade, pois eu pensava também em estudar filosofia ou letras. Mas fiz a escolha correta, que sigo em minha vida até hoje”. Dessa vocação originária vem a admiração pelos clássicos da literatura universal e da filosofia, essência de um leitor e pensador cristão.

Sobre seus escritos, espalhados e publicados em vários veículos de expressão das letras jurídicas e da cultura, Bruno tem na esposa Stella Bethonico Terra a leitora e crítica, sua Beatriz Portinari, inspirando e apontando os caminhos da literatura e da sensibilidade humana. Seus estudos sobre as crianças brasileiras, nos períodos colonial, monárquico e republicano, renderam belos e embasados ensaios, publicados e reproduzidos Brasil afora. Outro ensaio que ele menciona com orgulho foi sobre a história e a importância do Norte de Minas na formação da capitania de Minas Gerais.

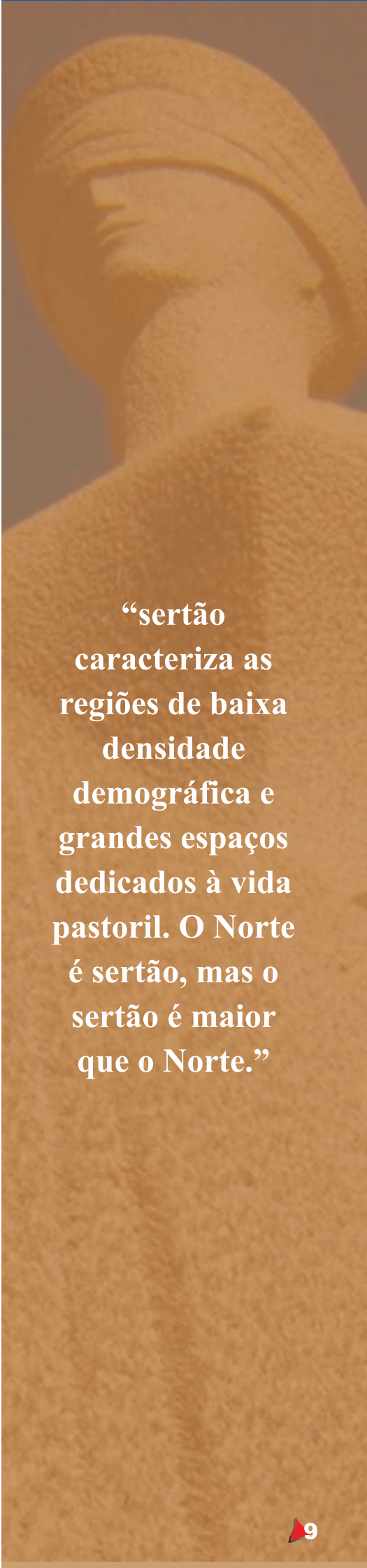
Quando se aprofunda no tema, lembra autores como Guimarães Rosa e Mário Palmério, que retrataram em sua obra o sertão mineiro. Sobre a nomenclatura, ele explica que “sertão caracteriza as regiões de baixa densidade demográfica e grandes espaços dedicados à vida pastoril. O Norte é sertão, mas o sertão é maior que o Norte.”.

Dante Alighieri é seu maior referencial literário, a quem coloca acima dos círculos críticos da literatura universal. Sobre a literatura nacional, elenca a admiração por escritores dos mais diversos estilos e épocas, como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Roberto Drummond, entre muitos outros.

Sobre os feitos da Amagis, ele rememora “que conseguimos colocar uma placa comemorativa, em nome da entidade, no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, em homenagem pelos 200 anos de morte de Tomás Antônio Gonzaga, um dos maiores poetas da língua portuguesa e que foi magistrado em Minas Gerais. Ele foi promovido a desembargador no Tribunal da Relação, que ficava em Salvador, porém foi preso como inconfidente antes de tomar posse. Essa placa foi fixada em 2010, no meu primeiro ano à frente da Amagis”.

Atualmente, Bruno Terra Dias se dedica às atividades jurisdicionais na 22ª Vara Cível da Capital, além de exercer o magistério na Faculdade de Direito de Contagem - FDCON, onde leciona Introdução ao Direito e Direito Constitucional.

Sobre a Revista Memória **CULT**, ele observa que “cada edição da revista deveria ter tiragem suficiente para ter um exemplar em cada lar da família mineira, pois ela é sobretudo um veículo formador e orientador e deveria ser mais divulgada para o grande público”.



“sertão
caracteriza as
regiões de baixa
densidade
demográfica e
grandes espaços
dedicados à vida
pastoril. O Norte
é sertão, mas o
sertão é maior
que o Norte.”

COMENDA DA LIBERDADE E CIDADANIA

「2011」

Fotos: Roberto Ribeiro

A Fazenda do Pombal voltou a ser palco da liberdade e da cidadania, com a entrega da Comenda que vem resgatar nossos valores mais nobres. Irmanadas pela figura de Tiradentes, as prefeituras de Ritópolis, São João del-Rei e Tiradentes, cidades do Vale das Vertentes, intimamente ligadas a vida e a história do herói nacional, instituíram, em 2011, a Comenda da Liberdade e Cidadania, que é entregue anualmente na Fazenda do Pombal, local de batismo de Tiradentes. A primeira edição da entrega da Comenda aconteceu em 13 de novembro de 2011, quando foram agraciadas personalidades de destaque nacional.

A Comenda tem como Chanceler o Diretor-Geral da Imprensa Oficial, Eugênio Ferraz. Ela foi criada quando Eugênio Ferraz era superintendente do Ministério da Fazenda em Minas Gerais. O evento, realizado de forma irmanada com as três cidades, representa os ideais de Tiradentes e da Inconfidência Mineira, juntando a visão de futuro das três municipalidades que tem na Fazenda do Pombal seu ponto histórico. Foi ali que nasceu o ideal de liberdade entre os mineiros e brasileiros. Sua realização indica o reconhecimento e resgate de valores defendidos por Tiradentes, que tem na construção de um povo, na cidadania, seu referencial maior. É isso que a entrega da Comenda vem reavivar e representar.





A CANÇÃO DO HERÓI MARCUS VIANA

A inédita música “Canção do Herói” foi composta pelo músico e compositor Marcus Viana a pedido de Eugênio Ferraz para os eventos relativos à Comenda da Liberdade e Cidadania.

Tal Comenda foi criada em setembro de 2011, por iniciativa conjunta das prefeituras e câmaras municipais de Ritópolis, São João del-Rei e Tiradentes, encerrando uma antiga disputa sobre a qual das cidades pertencia ou pertence a Fazenda do Pombal, local de nascimento do herói Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, Patrono Cívico do Brasil.

A cada ano uma das cidades será a anfitriã de eventos cívicos, culturais e festivos na “Semana da Liberdade” e esta será encerrada com o agraciamento de personalidades na Fazenda do Pombal.

Por solicitação do compositor, textos criados pela escritora Ivanise Junqueira e pelo Chanceler da Comenda, Eugênio Ferraz, foram repassados a Marcus Viana, no início de outubro de 2011 e, a partir de tais subsídios, ele elaborou a canção que se tornou o “Hino” oficial da Comenda da Liberdade e Cidadania.

Na página ao lado, a letra e a música “épica” - “Canção do Herói” - que resgata, na letra e na densidade musical, as origens de nossa nacionalidade a partir das Minas Gerais e do berço do Alferes Tiradentes, a Fazenda do Pombal.

「2012」

Fotos: Marco Evangelista





CANÇÃO DO HERÓI

Letra: Marcus Viana

PELAS MONTANHAS DE MINAS
ENTRE ESSAS SERRAS GUARDADO
BRILHA O BERÇO DO HERÓI NA
FAZENDA DO POMBAL
SEUS 4 NOMES IMORTAIS
JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER

UM CORAÇÃO DE ALFERES
PELOS CAMINHOS DE MINAS
SEMEANDO O SONHO BOM
DE UM PAÍS QUE QUER NASCER
SEU NOME VAMOS CELEBRAR
JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER

O PREÇO DA LIBERDADE
FOI SUA VIDA TÃO JOVEM
TANTO EXÍLIO E MALDIÇÃO
A SUFOCAR UM IDEAL
UM HERÓI É FEITO DE HONRA
BRAVURA E GLÓRIA
E NÃO SE ACOVARDA JAMAIS
SEU CORPO FEITO EM PEDAÇOS
RELÍQUIAS JOGADAS PELAS
ESTRADAS REAIS
SEMENTES SOLTAS NO VENTO
FECUNDARAM O SONHO DE UM
NOVO BRASIL

MUITO ALÉM DESSAS MONTANHAS
BRILHA QUAL CHAMA SAGRADA
ILUMINANDO GERAÇÕES
QUE NUNCA MAIS VÃO SE PERDER
FILHOS DA CIDADANIA,
VELA POR NÓS LIBERDADE

SE MIL VIDAS EU TIVESSE ESSAS MIL
VIDAS DARIA
LIBERTAS QUAE SERA TAMEN
LIBERDADE AINDA QUE TARDIA

Ouçã o Hino da Comenda da Liberdade e Cidadania no site:

www.comendaliberdadeecidadania.com.br

Em 2012 a entrega da Comenda aconteceu na mesma Fazenda do Pombal, no dia 10 de novembro, na parte da tarde, sob chuva intensa, agraciando pessoas que se destacaram por suas ações e atitudes, focadas na cidadania, na consciência ecológica, na liberdade de idéias e ideais, na preservação do meio ambiente e que, de uma certa forma, representam a construção de um mundo melhor.

Tancredo de F

O Promotor de Justiça da

*Marcos Paulo de Souza Miranda

Foto: divulgação



Tancredo Neves na década de 1930, quando era Promotor de Justiça

Almeida Neves: Capital dos Inconfidentes

Entre os homens públicos merecidamente mais reconhecidos no cenário político nacional encontra-se o Presidente da República Dr. Tancredo de Almeida Neves, mineiro de São João del-Rei, a sonhada capital dos inconfidentes, onde nasceu em 04 de março de 1910 e foi batizado na Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em 18 de agosto do mesmo ano, pelo Monsenhor Gustavo Ernesto Coelho.

Filho de Francisco de Paula Neves e de Antonina de Almeida Neves, era neto paterno do Coronel José Juvêncio Neves (de ascendência açoriana) e de Maria Josina Carneiro das Neves. Neto materno do português Antônio Homem de Almeida e de Mariana Kapller de Almeida (de ascendência húngara).

Tancredo, que se tornou conhecido nacionalmente pela sua liderança política e pregação cívica em prol da redemocratização da nação brasileira é, sem dúvida, um dos mais ilustres filhos da terra das Alterosas, acerca da qual proferiu frase legendária ao tomar posse como Governador do nosso Estado: **“O primeiro compromisso de Minas é com a Liberdade”**.

Entretanto, uma faceta do bom mineiro Tancredo ainda é pouco conhecida: sua atuação como Promotor de Justiça, cargo que ocupou com honradez e no qual exerceu a intransigente defesa dos direitos da sociedade brasileira como membro do Ministério Público na vetusta Comarca de São João del-Rei entre os anos de 1932 a 1934.

*“O primeiro compromisso de Minas
é com a Liberdade”.*

Formado em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde colou grau em 05 de março de 1932, no dia 04 de junho do mesmo ano o Presidente do Estado de Minas Gerais, Olegário Maciel, o nomeou como Promotor de Justiça de São João del-Rei, cargo do qual tomou posse em 07 de julho do mesmo ano.

Durante o exercício do múnus como Promotor, Tancredo de Almeida Neves demonstrou sua inabalável crença na Justiça e cumpriu com dedicação e competência suas atribuições, acusando os iníquos e criminosos e defendendo os fracos e desvalidos, a fim de alcançar a sempre almejada justiça.

Pesquisando sua atuação, descobrimos nos arquivos do IPHAN, por exemplo, que em 10 de julho de 1933 Tancredo ofereceu denúncia criminal (autos 625/1933) contra J. B. A., que às 16h do dia 14 de maio daquele ano tentou assassinar G.A.N. nas ruas de São João del-Rei.

Em 06 de março de 1934 Tancredo oferece denúncia contra os policiais militares J.G.S. e P.O.M., que haviam espancado Joaquim Silvério da Silva no Distrito de Nazareth (atual cidade de Nazareno), numa demonstração de coragem em ação que nos dias de hoje seria considerada como exemplar exercício da defesa dos direitos humanos (autos 635/1934).

Dr. Tancredo de Almeida Neves

Recebemos do nosso amigo e collaborador Dr. Tancredo Neves, o officio que abaixo publicamos, em que elle nos communica, que ante-ontem, perante o Dr. Juiz de Direito da Commarca tomou posse da Promotoria desta cidade.

E' com vivo prazer que registramos essa boa nova, por isso, que esperamos do illustre moço a applicação recta da justiça. A Tribuna que é uma sua grande admiradora tem a honra de cumprimental-o no seu novo posto.

* * *

Exmo. Snr. Redactor d'«A Tribuna».

Trago ao seu conhecimento que na data de ontem fui empossado no cargo de Promotor de Justiça da comarca de São João d'El Rey e entrei no exercicio de suas funções.

Saudações attenciosas.

Tancredo de Almeida Neves
São João, 8-7-932.

Dr. Tancredo de Almeida Neves

O presidente do Estado Dr. Olegario Maciel, nomeou no dia 4 deste, promotor de Justiça da comarca de S. João del-Rey, o illustre sanjoannense cujo nome encima estas linhas.

Moço de brilhante talento e requintada cultura por certo dará ao cargo que vae exercer uma feição recta, tal como o seu caracter adamantino.

Ao prezado amigo e conterraneo os parabens da

A TRIBUNA.

Notícias de "A Tribuna" sobre a nomeação e posse de Tancredo como Promotor de Justiça em São João del-Rei-MG

Tancredo de Almeida Neves,
Promotor de Justiça

Assinatura de Tancredo no exercício do cargo de Promotor de Justiça na Comarca de São João del-Rei em 1933

Esses são apenas alguns dos processos em que Tancredo atuou como Promotor de Justiça, honrando a instituição do Ministério Público brasileiro.

O Dr. Tancredo manteve-se coerente com os valores que prometeu defender como Promotor de Justiça durante toda sua vida.

Em seu discurso preparado para a posse no cargo de Presidente da República, o qual, infelizmente, não chegou a ser lido, posto que em 21 de abril de 1985 o líder nos deixou, Tancredo não se esqueceu de citar a Instituição que integrou, deixando registrado com a coragem própria daqueles que arrostam destemidamente as forças do mal por crerem no bem maior da Justiça:

“Não me cansarei, enquanto houver injustiça, de clamar em nome dos perseguidos, dos humilhados, dos que têm mãos ociosas e vazias... Para descansar temos a eternidade... E não temo usar, aqui, a expressão forte. Os que burlarem a confiança popular em meu governo podem estar certos de que tudo faremos para que restituam, centavo a centavo, o que tenham desviado, como atuará o Ministério Público no sentido de que paguem o seu crime em cadeia. Se aos insensatos não comove a exigência da justiça, é possível que os atinjam as razões do temor... A Nação renasce porque está renascendo nos olhos dos moços”.

Digno de veneração e respeito, pois, o exemplo que nos foi legado pelo Dr. Tancredo de Almeida Neves, exemplar Promotor de Justiça da sonhada capital dos inconfidentes.

Entre a chibata e a liberdade: o conjurado Vitoriano Gonçalves Veloso

*José Antônio de Ávila Sacramento

Crescever sobre a saga do conjurado Vitoriano Veloso traz consigo alguns entraves que se mostram desafiantes: a vida dele anda a carecer de maiores e melhores pesquisas e estudos. A ação de Veloso no movimento conjuratório de 1789 ainda transita num plano quase que desconhecido dos nossos compêndios. Nem mesmo na Região Mineira do Campo das Vertentes, onde ele viveu, conhece-se bem a sua trajetória a ponto de poder dissertar com plena segurança sobre a sua atuação. Como bem já dissera Dr. Adalberto Guimarães Menezes, nós, os brasileiros, conhecemos muito mais a história

da Grécia e de Roma, do que a história do nosso país, estado ou município; portanto, infelizmente, quase que desconhecemos ou não conhecemos tão bem como deveríamos o que se passou e o que se passa no nosso “quintal”!

Ao tentar tecer algumas considerações a respeito da saga de Vitoriano Gonçalves Veloso, peço licença aos leitores para expor aqui uma opinião a respeito do uso dos termos “Inconfidência” e “Conjuração”: ao me referir aos integrantes da Revolta de 1789, ocorrida nas “Minas Geraes”, prefiro usar sempre o termo Conjuração, em lugar de Inconfidência.

Fotos: José Antônio de Ávila Sacramento



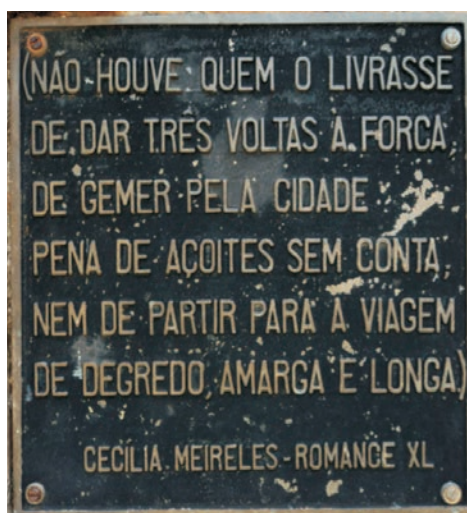
Igreja Nossa Senhora da Penha Distrito Pradense de Vitoriano Veloso

O primeiro, do latim *conjuratio*, nos remete ao sentido de movimento de revolta e conspiração contra o Estado, governante ou contra alguém; o segundo nos dá a idéia de falta de fé ou de fidelidade para com alguém. Então, o termo Inconfidência seria adequado à ótica lusitana. Para os brasileiros, o termo inconfidente serviria apenas para qualificar e nomear gente como o delator Joaquim Silvério dos Reis Montenegro Leiria Grutes, aquele que, afundado em dívidas, negociou a promessa de perdão delas em troca da denúncia dos idealistas que estavam envolvidos na Conjuração.

Pouco se fala que a Conjuração Mineira foi um movimento multirracial e que não foi tramado exclusivamente por homens. Neste sentido, ao escrever sobre o pardo Vitoriano Gonçalves Veloso, faz-se necessário mencionar o nome da conjurada Hipólita Jacinta Teixeira de Mello (1748-1828), mulher que nasceu, viveu e morreu no município de Prados-MG. Vitoriano Gonçalves Veloso era alfaiate e residia bem próximo da Fazenda da Ponta do Morro, em terras anexas à propriedade de Hipólita, no local denominado “Bichinho”, do qual

falarei mais adiante. Hipólita, personalidade muito próxima a Veloso, era a mulher mais rica da região e sofreu revezes por envolver-se diretamente com o movimento conjuratório mineiro, pois a repressão não a perdoou.

Vitoriano Gonçalves Veloso, pardo (de pele escura, entre o branco e o negro), nascido livre (era filho de mãe negra, escrava, e pai branco), exercia o ofício de alfaiate.



É considerado o único mulato que integrava o grupo dos conjurados. Nasceu no ano de 1738, num local chamado Gritador (Gruta do Ouro), localidade ora conhecida popularmente pelo nome de Bichinho, atual Distrito de Vitoriano Veloso, Município de Prados - MG. O pai o reconheceu na pia batismal. Foi Alferes dos Pardos da Igreja Nova, da Comarca do Rio das Mortes.

Vitoriano era o mensageiro de confiança dos conjurados e, especialmente, de D. Hipólita, de quem era compadre e vizinho (quando souberam que a

Conjuração havia sido descoberta, ambos reuniram-se e queimaram muitos papéis comprometedores). Os recados e os bilhetes mais secretos eram confiados a Vitoriano Gonçalves Veloso, para que chegassem com segurança aos conjurados que estavam nas outras vilas do ouro. Hipólita Jacinta Teixeira de Mello escreveu um célebre bilhete enviado aos conjurados por intermédio de Vitoriano Gonçalves Veloso:

“Dou-vos parte com certeza de que se acham presos, no Rio de Janeiro, Joaquim Silvério dos Reis e o alferes Tiradentes, para que vos sirva ou se ponham em cautela; e quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra”.

Quando o movimento fracassou, tentou ainda ela, por intermédio de Vitoriano Gonçalves Veloso, avisar ao Cel. Francisco de Paula Freire de Andrade, aconselhando-o, desesperadamente, a “*montar uma reação a partir lá do Serro*”.

Paulo de Carvalho Vale, homem público pradense, pesquisador da história da região do Campo das Vertentes (in memoriam) e que escreveu o livro “De Prados da ‘Ponta do Morro’, para a Liberdade”, sugeriu-nos que por Vitoriano ter sido reconhecido como filho na pia batismal, “*a liberdade, para ele, devia ter um significado muito particular*”.

A obra referenciada, fonte da maioria das informações aqui contidas, foi editada no ano 2000, através da Editora Armazém de Idéias, BH. Com 240 páginas, o sexto capítulo da obra foi reservado ao “Vitoriano Veloso, o Mensageiro da Inconfidência”.

Vejamos algumas partes:

“Numa sexta-feira (22-05-1789), foi-lhe confiada [a Vitoriano Gonçalves Veloso] na Ponta do Morro a última mensagem, que não chegou a ser entregue, destinada a quem devia ter sido o chefe militar da Inconfidência, o Ten. Cel. Francisco de Paula Freire de Andrade, em Vila Rica. A mensagem que levava compreendia uma parte oral: “Fuja ou se retire para o Serro e fale com o Padre José da Silva e ao Beltrão. Se o Beltrão não estiver pelo que um quiser se apodere da tropa e faça um viva ao povo. Estarei aqui às suas ordens.” Eram palavras de Francisco Antônio de Oliveira Lopes e D. Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, sua mulher. A carta ou bilhete, feito por Francisco José de Mello, primo de D. Hipólita, reduzia-se a uma ou duas linhas sem destino ou assinatura: “Acautele-se porque vai ser preso nestes 4 ou 5 dias.” O Pe. Assis, em Carijós, fê-lo destruir o bilhete, julgando-o demasiadamente claro e comprometedor. Era muito amigo, inclusive até compadre de D. Hipólita Jacinta Teixeira de Mello e de seu esposo, o inconfidente Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, proprietários da rica Fazenda da ponta do Morro, ao sopé da Serra de São José, Arraial dos Prados. Por ter sido mensageiro de confiança das cartas, bilhetes e recados secretos que os inconfidentes trocavam entre si, foi preso e considerado também conjurado, sendo condenado ao degredo perpétuo. Teve, depois, esta pena comutada por desterro temporário (10 anos), recebendo, ainda, um castigo adicional que foi o de açoitamento em volta de patíbulo de Tiradentes. Em 16/05/1792, Vitoriano, acorrentado, marchou da Fortaleza do Castelo, atravessou a Rua da Cadeia, Largo da Carioca, Rua do Piolho, até o Campo de São Domingos, onde deu três voltas em torno da forca, voltando pelas mesmas ruas à Fortaleza. De vez em quando, parava aquele trágico e desumano cortejo e o escrivão da vara Dói Meirinho, Luiz Antônio Ribeiro de Campos, fazia o pregão em voz alta, conforme ordenava a sentença. Partiu para o degredo na companhia de Tomás Antônio Gonzaga, que lhe dedicou sempre consideração e benesses. Em 1803, aos 65 anos, morria na África, e seus despojos, mais tarde, foram exumados da Igreja de N. S. dos Remédios, de Cabeceira Grande, Moçambique, para descansar em paz, no Museu de Ouro Preto...”





Igreja de Nossa Senhora da Penha de França (no distrito pradense de Vitoriano Veloso (Bichinho) e marco alusivo ao conjurado Vitoriano G. Veloso

Vitoriano Gonçalves Veloso conhecia bem as veredas e os atalhos do Caminho Velho e suas variantes. O pesquisador Tarquínio de Oliveira afirma que numa de suas missões secretas, ele percorreu 240 quilômetros em três dias e duas noites entre Prados e Vila Rica. Foi inquirido oito vezes seguidas em curtos intervalos. Com seus depoimentos ficaram esclarecidos os últimos dias do movimento. No segundo depoimento é que os inquisidores perceberam a rapidez com que fez o trajeto citado. Foi inquirido pela sétima vez em 22 de janeiro de 1790. Em 22 de janeiro de 1791, foi para a cadeia no Rio de Janeiro, onde ficou esperando a sentença:

“Mandado de execução da pena imposta a Vitoriano Gonçalves Veloso - Justiça que a Rainha Nossa Senhora manda fazer a este reu Vitoriano Gonçalves Veloso, pelo horroroso crime de rebelião e alta traição que cometeu na Capitania de Minas Gerais, com a mais escandalosa temeridade, contra a Real Soberania da dita Senhora. Manda que seja açoitado pelas ruas públicas desta cidade até o lugar da forca, onde dará três voltas, e que vá degredado por tempo de dez anos para Cabaceira Grande, sendo-lhe confiscada metade dos seus bens para o fisco e Câmara Real. Rio de Janeiro, a 12 de maio de 1792. E eu o Desembargador Francisco Luiz Alvares da Rocha, Escrivão da Comissão, o escrevi. Desembargador Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho, Juiz da Comissão da Conjuração.”

Vitoriano foi o único dos inconfidentes condenado a receber chibatadas e degredo, a pior das penas entre todos os conjurados, exceto a do Tiradentes. Por ser mulato, recebeu humilhantes açoites em caminhadas em torno do patíbulo; depois, foi degredado. Em 23 de maio de 1792, no navio da Índia, Nossa Senhora da Conceição Princesa do Brasil, foi levado para Moçambique. Acabou por morrer na África.

Cecília Meireles, na sua obra *“Romanceiro da Inconfidência”*, publicada em 1953, reescreveu, de forma lírica, os episódios mais marcantes da Conjuração Mineira. A obra apresenta-se estruturada em 85 romances, além de outros poemas, num total de 95 textos. A poetisa dedicou o Romance XL a Vitoriano

“ - Aonde é que vais, Vitoriano, / nem bem amanhece o dia? / Andarás de contrabando, / serra abaixo, serra acima, / das areias de Ouro Branco / às sombras de Vila Rica? / (Esporeava o seu cavalo, / pela estrada mal segura. / - Vitoriano, tem cuidado, / de hora em hora a sorte muda! / Quanto mais o tempo é falso, / mais aparecem denúncias...) / - Eu, senhor, vou nesta pressa / para as bandas de Mariana. / Nem vos direi quem me espera / nem vos direi quem me manda. / Subo e desço pela serra / que nem o vento me alcança! / (Tinha no bolso uma carta, / e um recado na cabeça. / Puxa o lenço, limpa a cara, / cai-lhe o papel, vê-se a letra. / - Vitoriano, se te agarram, / terás de cumprir sentença!) / - Eu senhor, digo a verdade: / vinha da Ponta do Morro, / mandado por meu compadre, / Coronel Francisco Antônio. / Mas, para o que vinha, é tarde: / e ele ou está preso ou está morto... / (E no alto da serra brava / dobrou sobre o seu caminho / o alfaiate, alferes, cabra, / - sem ter chegado ao destino / para servir a um amigo.) / - Aí Vitoriano Veloso, / como o tempo era nublado! / Partires com tal denodo, / voltares com tal cansaço! / - E depois, - o calabouço? / E, depois, - o cadafalso? / (Não houve quem o livrasse / de dar três voltas à forca; / de gemer pela cidade / pena de açoites sem conta; / nem de partir para a viagem / de degredo, amarga e longa.) / (E a carta nem fora entregue! / Nem fora o recado escrito! / - No seu cavalo, tão leve! / - Na masmorra, tão perdido... / Que imensas lágrimas bebe, / por ter prestado um serviço!)”.

O Brasão do Município de Prados, no centro, traz um escudete de prata, carregado de quatro triângulos equiláteros de goles, evocando os conjurados ligados a Prados, dentre eles Vitoriano Gonçalves Veloso. Em Prados também está situado o distrito de Vitoriano Veloso, em homenagem ao conjurado, mas o local é mais conhecido pelo nome de “Bichinho”. Naquele sub-burgo surgido em torno das minas de ouro do *Gritador*, possível corruptela de *Greta d'Ouro*, foi erigida a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, templo construído entre os anos de 1732 e 1771 e que abriga ricos altares e uma decoração pictórica em estilo rococó da mais alta qualidade, obra creditada ao pincel de Manoel Victor de Jesus; o templo é tombado pelo IPHAN, desde 1949.

Atualmente, a localidade tornou-se um dos lugares da moda e o sítio é constantemente frequentado por turistas e garimpadores do artesanato de qualidade. Instalaram-se ali algumas pousadas e típicos restaurantes que servem boa comida mineira. O distrito de Vitoriano Veloso é um dos maiores responsáveis pela produção do rico e variado artesanato pradense, haja vista a produção da afamada “Oficina de Agosto” e de muitos outros dos seus ateliês, os quais, em suas criações, usam de temas bem mineiros e nacionais. É um lugar aprazível, cuja badalação já extrapolou o Estado de Minas Gerais; as oficinas locais recebem visitas de arquitetos e decoradores dos mais variados recantos do país e até do exterior, em busca de móveis, telas, bordados, fuxicos, esteiras e forros de taquara, crochês, adobes, tapetes, esculturas e adornos em geral, além de boas opções naturais e gastronômicas.

Este articulista, no ano de 2004, em contato com o então prefeito pradense Paulo de Carvalho Vale, indagou se ele saberia por qual motivo o distrito pradense de Vitoriano Veloso era conhecido pelo nome de *Bichinho*. Paulo Vale confidenciou que, lamentavelmente, de forma bastante errônea, as pessoas costumavam (e parece-me que ainda costumam) justificar que “o nome tivera sua origem no fantasioso fato de que Vitoriano Veloso ia ver seus escravos nas suas terras e assim dizia: vou ver os meus bichinhos”, referindo-se aos negros cativos. Vale advertiu-me que esta versão, apesar de bastante popularizada, não confere com a realidade e nem poderia ser sustentada, uma vez que “Vitoriano Veloso era um homem mulato, filho de mãe negra e escrava, e, assim, não seria possível que ele usasse de uma nomenclatura tão pejorativa para com os de sua própria raça”. Além do mais, continuou Paulo Vale: “não devemos esquecer que a Liberdade para ele (o Vitoriano Veloso) possuía um significado muito particular e especial”.



Paulo Vale comentou comigo que “antes mesmo de Veloso nascer, em 1738, aquele lugar já era denominado *Bichinho*, como pode ser verificado em farta documentação encontrada nos antigos livros das paróquias de Tiradentes e Prados, o que já é mais do que suficiente para desacreditar aquela informação”.

No imaginário popular existem várias versões a respeito do surgimento do nome do arraial do *Bichinho*. Mas, segundo Paulo Vale, a possibilidade daquela estigmatizante referência de Vitoriano Veloso aos negros cativos, chamando-os de *bichinhos*, deve ser completamente descartada. Para Vale, estudioso que se dedicou exaustivamente aos estudos da história pradense, a hipótese mais provável é a de que nos primórdios daquela povoação surgida no sopé da Serra de São José, dada a exuberância da Mata Atlântica ali então existente, alguns exemplares da fauna habitualmente transitavam por aquela região pradense. Assim, os naturais da localidade conviviam pacificamente e certamente que admiravam ou até mesmo se espantavam com o aparecimento dos vários *bichinhos* que perambulavam pelas ruelas de chão

batido da localidade; seriam animais de pequeno porte, tais como lobos, aves, cobras, lagartos, tatus, jaguatiricas, micos e outros. A partir daí, então, é que aquele lugar onde o tempo ainda parece passar devagar teria recebido o nome de “*Bichinho*”.

Vitoriano Gonçalves Veloso, nome praticamente esquecido, merece maior referência histórica e a nossa maior reverência. Ele, o Mensageiro dos Conjurados, é a síntese da alma mestiça nacional no movimento libertário mineiro. A nossa miscigenação histórica ou consensual, ao longo de mais de 500 anos, foi, é e será um dos fatores relevantes para a existência desta nação. Apesar de Paulo Bregaro (aquele que no dia 7 de setembro de 1822 entregou a D. Pedro a correspondência que o levou a declarar a Independência) ser oficialmente o patrono dos Correios do Brasil, atrevo-me a sugerir que Vitoriano Veloso mereceria do órgão governamental brasileiro pelo menos a edição de uma série filatélica que enaltecesse a sua vida e obra. Ou não?

*Pesquisador e Historiador

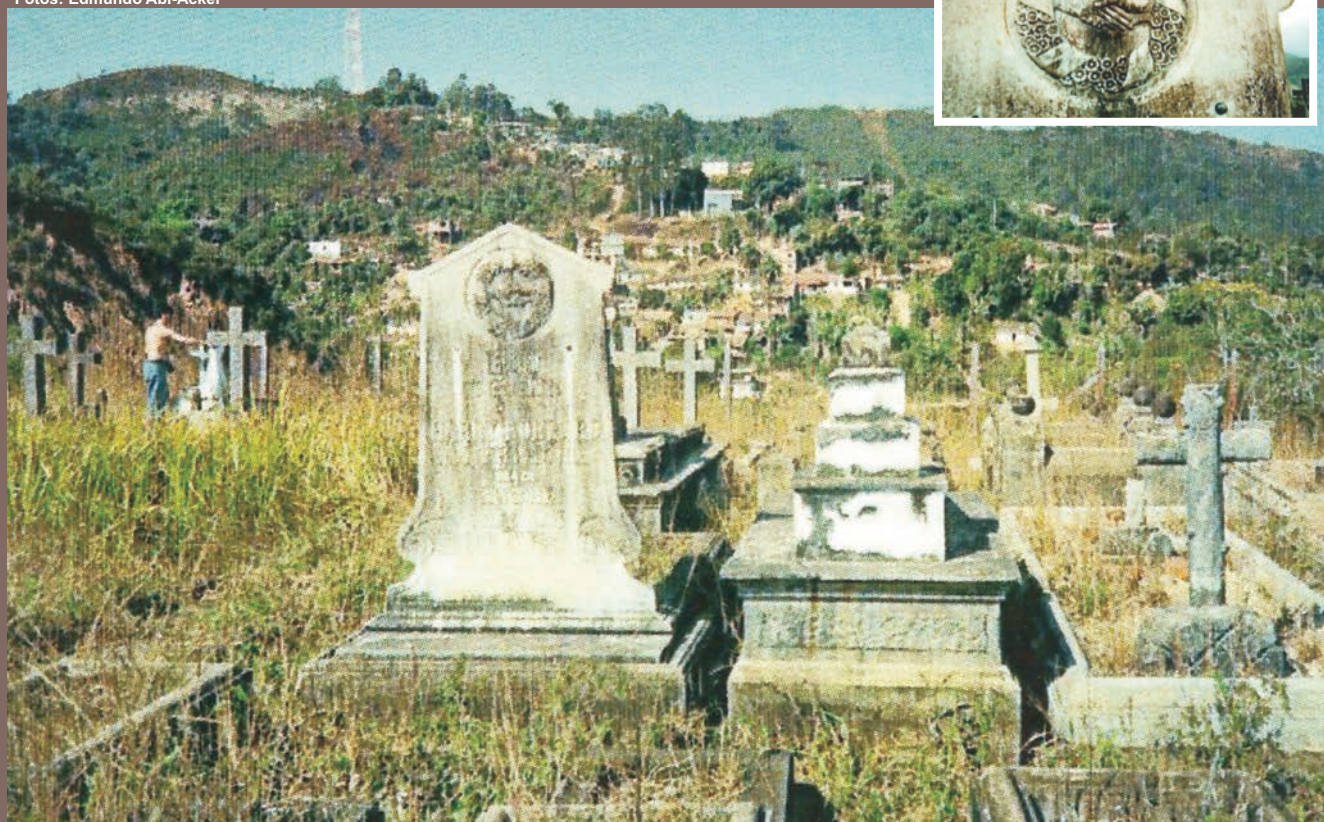
Cemitério Anglicano e a Maçonaria no século XIX - Morro Velho - Nova Lima - MG

*Fabiano Lopes de Paula

Os cemitérios, patrimônio de natureza material e imaterial, têm inegavelmente a característica marcante da possibilidade de resgatar certos registros históricos que se acumulam com o passar dos anos, possibilitando subsídios à arqueologia para estabelecer as relações sociais de cada época a partir dessa cultura material produzida, bem como o grau de religiosidade e a escala de valores relacionada às posições hierárquicas, envolvidas na estrutura subjacente daquela comunidade.

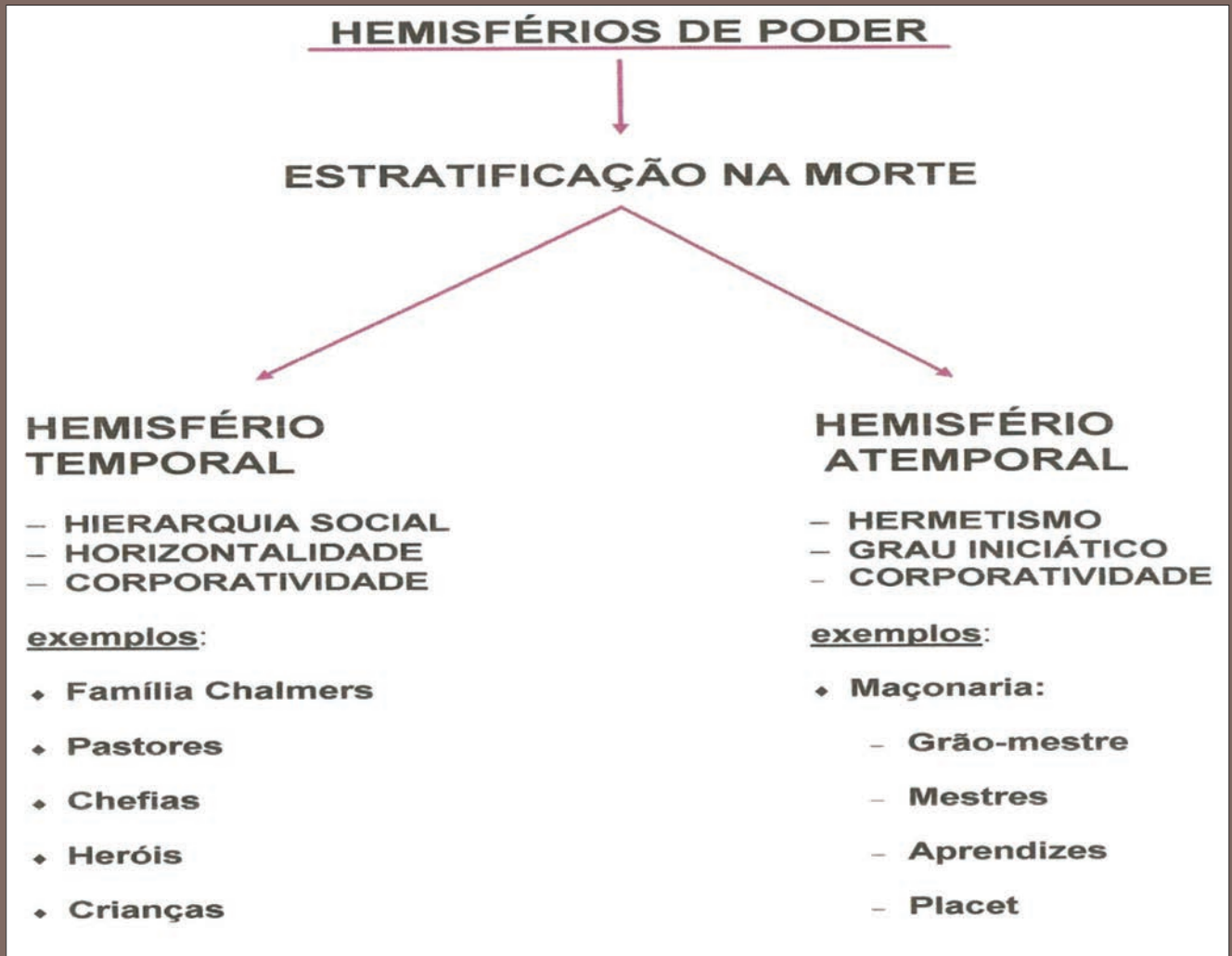
O cemitério inglês da Mina de Morro Velho situa-se em uma das colinas do núcleo inicial de mineração, seguindo o padrão dos “cemitérios parques”, instituído na Inglaterra a partir de meados do século XIX. Trata-se de um cemitério exclusivamente inglês destinado aos imigrantes anglicanos e ingleses, sendo feitas raras exceções a outros estrangeiros que tivessem parentesco inglês. Seus primeiros sepultamentos datam do final da primeira metade do século XIX, tendo como característica a inspiração nos moldes ingleses com lápides cujo desenho remonta aos modelos da Inglaterra do século XVIII.

Fotos: Edmundo Abi-Ackel



Exemplos de diversas categorias de faturas de túmulos, no mesmo alinhamento. No detalhe, representação do “cumprimento maçônico”.

Numa análise ocupacional do espaço funerário, distinguiram-se três períodos determinantes, que seguem, de modo geral, um estatuto social e a tipologia evolutiva dos artefatos funerários. Tais elementos, quando analisados, trazem um pouco da vida e da morte da comunidade inglesa. Quanto ao espaço, verifica-se uma disposição hierárquica: na praça central, a família Chalmers; ao centro, crianças; do lado direito, maçons e, do esquerdo, funcionários da mina. Nota-se, também, a organização da uma hierarquia “temporal”, composta de pastores, chefia, alguns heróis, família Chalmers e crianças; e “atemporal” constituída pela maçonaria, grãos-mestres, mestres e aprendizes, conforme organograma apresentado a seguir.



A morte, como um sentimento universal, não passa despercebida, e os cemitérios, com as diferentes representações em diferente épocas, são emanadores de uma simbologia que se perpetua no espaço, constituindo-se uma herança cultural. O cemitério inglês de Nova Lima representa, na primeira metade do século XIX, uma classe de operários e funcionários de origem inglesa e de religião anglicana, dominados pelos padrões sociais dessa classe, impondo seus valores e segregando na maioria das vezes.

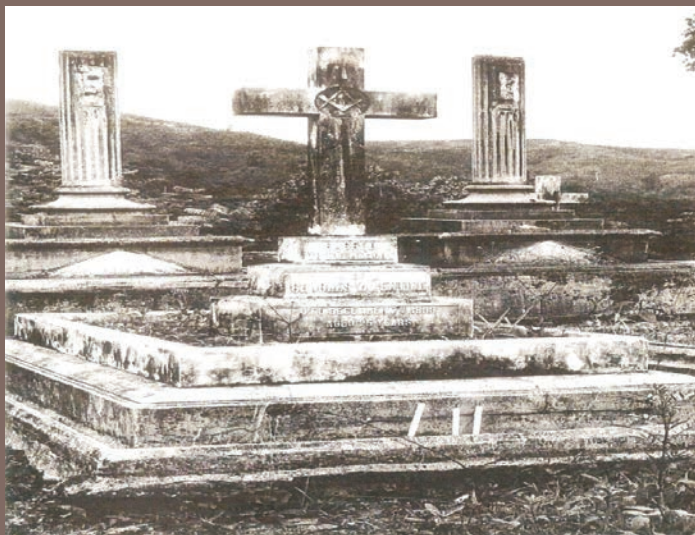
Nova Lima convive com a lembrança material e imaterial desse passado, do caldeamento de povos de origens diversas que marcaram a sua história.



Variedade da categoria cruz céltica, que também se apresenta na iconografia religiosa inglesa.



Atual sede da Igreja Anglicana em Nova Lima. Nota-se, em detalhes, a manutenção e reprodução de padrões étnicos como a cruz céltica, com esquadrias na janela em forma de ogival, com ressaltos, semelhante ao elemento da figura anterior.



Túmulo de 1899. Há uma composição rítmica de 3 degraus, uma cruz em concreto e a identificação da ordem maçônica (esquadro e compasso). Ao fundo, túmulos-monumentos maçônicos com colunas interrompidas.



Túmulos-monumentos maçônicos, posicionados no setor Leste, mostram concepção estético-formal fechada, elevando-se em relação ao solo, e elementos ornamentais simbólicos da Maçonaria. Erigidos pela loja em homenagem aos Irmãos-Membros.



Túmulo do enterramento mais recente no cemitério de 1983. Formato abrazeirado em granito negro, epitáfio em português e estilo vulgarmente conhecido por “carneiro”.



Túmulo onde se mostra representada a “Pedra Cúbica”, um dos significativos símbolos maçônicos. No caso específico desse sepultamento, está gravado o Teorema de Pitágoras, “Jóia” (insígnia) que corresponde ao Venerável.



Túmulo infantil que se apresenta formal e proporcionalmente ao tamanho do sepultado com representações ornamentais alegóricas aos anjos.



Túmulo dos Pioneiros Ingleses os mais antigos do cemitério posicionados no entorno dos Chalmers, entre os sepultamentos de crianças e o ponto central. São lápides que expressam o apurado padrão estético inglês do século XVIII.



Túmulo da Família Chalmers, posicionado em lugar de destaque central a partir do qual se organizam os demais túmulos.



Túmulo da Família Chalmers após limpeza, onde se evidenciam os elementos arquitetônicos como as muretas, arremates e pequeno “calvário”.

Ecologia, o novo

*Marco Aurélio Baggio

Ecologia é incidência da percepção aguda dos homens responsáveis acerca dos destinos que eles devem imprimir em nossa Nave-Mãe-Terra. O paradigma ecológico é uma urgente e inovadora forma de pensar a vida, a natureza, os interesses, as relações e a cultura, de um modo geral, como uma rede, um rizoma intrincado para suplantar a ingenuidade da linearidade do efeito causal presente na física singela das bolas de bilhar.

Sabe-se que a natureza funciona sob a égide do 'efeito borboleta'. Tudo tem a ver com tudo, em um infinito entrecruzamento de causas, influências, energias, determinações e efeitos. Tudo são fluxos, intensidades, pregnancies, que geram efeitos. A partir da consciência assomante de que o homem está devastando a natureza e o capitalismo está utilizando para mais de 1.25 dos recursos renováveis do planeta, o movimento ecológico tem se tornado o lugar privilegiado de discussão ética sobre a responsabilidade dos homens por seus atos já predatórios frente ao meio ambiente.

Proponho conceber uma Ecologia Ampliada para abrigar as novas formas de relacionamento entre homens, povos e nações, levando em conta, primeiro, a maldade que é ínclita à natureza dos humanos. Segundo, tomando por escopo as

relações de interesse que vigoram entre esses agentes. Terceiro, pensando as relações de poder aos quais os homens se aferram para se defender de seus obscuros sentimentos de desamparo, de solidão e de temor da própria morte. Quarto, coibir o primitivo uso da violência de uns sobre os outros. Quinto, utilizar a razão e a inteligência para escoltar ações e atitudes de bom senso. Sexto, o que se almeja é a formatação da sabedoria como respaldo acolhedor dos melhores esforços do espírito humano.

Sabe-se que o discurso de denúncia deve adquirir vigência ao ser injetado de vontade e de poder. Assim, pode-se acionar os recursos, sobretudo financeiros, para manter o mundo ecologicamente viável e habitável. Invés de se gastar um trilhão de dólares anuais em armamentos, 98% deles não serão usados e no decurso de dez anos, tornados obsoletos. Estima-se que apenas 600 bilhões de dólares anuais seriam bastante para instalar toda a humanidade em condições ecologicamente decentes. Por uma mera troca política de apertar uma tecla de comutação: não parece tão difícil assim....

O sistema capitalista encontra-se no seu apogeu. Trata-se do mais poderoso, do mais inteligente e do mais formidável sistema econômico que já existiu sobre a face da Terra.

Foto: Divulgação

nome da política

No entanto, suas insuficiências, seus equívocos e suas perversidades exibem a face escancarada em horror, o tempo todo.

O capitalismo não se interessa pela sorte de $\frac{3}{4}$ da humanidade. Ele, o sistema capitalista, explora e devasta acima do sustentável os recursos renováveis do planeta. O capitalismo dá vezo e guarida à dimensão rapace e roaz, sobretudo de indivíduos e de corporações que se tornam predadores sociais. O capitalismo possui em seu âmago, a exageração grotesca de acumular dinheiro sobre dinheiro, sobre capital, sobre dinheiro, por si só, como finalidade continua e estúpida.

Brilhante, estelar, novidadeiro, confortável e agora multimidiático, o capitalismo é criador de desperdício, de gadgets e de montanhas de excluídos e de lixos. Sobretudo, com sua mania de competitividade e de produtividade, o capitalismo mostra-se irresponsavelmente desligado de fornecer trabalho para a superpopulação de sete bilhões de habitantes. Sem trabalho não há cidadania.

É neste mundo doido, desarmônico, esconso, torto que estamos atravessando o tempo que nos foi concedido sobre a face da Terra. Só a consciência ecológica pode propor uma alternativa inteligente, a partir do emprego do poder político, instruído pela força diligente do dinheiro, sob o comando da inteligência de HOMENS BONS.

Há três grandes santuários ecológicos no planeta: o Sahara, o Oceano Pacífico e a Amazônia. Ouso propor um quarto, os sessenta trilhões de dinheiros acumulados mundo afora. Estes, são os grandes reservatórios que cumpre preservar e utilizar com sagacidade para o bem comum da humanidade.

É hora de elegermos como nossos verdadeiros inimigos a miséria, a ignorância, os fundamentalismos religiosos e ideológicos, as doenças já curáveis e, também, o cerceamento da criminalidade e a coibição implacável do uso de drogas de curtição. Parece claro que o mais devastador fator de degradação do meio ambiente é a superpopulação. Já há gente demais aboletada em nossa superexigida Nave-Mãe-Terra.

A evolução mostra que nenhum ser vivo tem garantias plenas de sucesso constante. Até aqui, ao longo da História, a Humanidade não tem dado mostras de um bom comportamento. Biólogos alertam que 99,9 % dos seres vivos que existiram já foram extintos. É hora de a Humanidade tomar juízo. Estamos numa encruzilhada.

Apostemos, pois, senhores: luz ou trevas? Riqueza nos cofres e nas mãos dos mega predadores, garantida por cães e guaritas ou luminosa aposta, enfim no SER HUMANO?

A proposta é evoluirmos da ecologia para a ecosofia. Sim, pois a cultura e a sabedoria são os magnos resultantes operativos do espírito humano.

***Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores**

Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

120 anos

*Eugênio Ferraz



Imprensa Oficial de Minas
Imprensa Oficial de Minas
Imprensa Oficial de Minas

ANVERSO
 Representação gráfica da bela arquitetura, característica neoclássica, que abriga a Imprensa Oficial de Minas Gerais. Completam a composição as legendas "120 ANOS" e "IMPRESA OFICIAL DE MINAS GERAIS".

REVERSO
 Acima legenda "DIÁRIO OFICIAL MINAS GERAIS". No centro, em destaque, três exemplares do jornal contendo reportagens sobre o estado mineiro. O período de existência da Imprensa Oficial de Minas Gerais é marcado pela era "1892-2012".

Presenteie e colecionie medalhas. Fatos e personalidades que marcaram a história eternizados em metais nobres pelo Clube da Medalha do Brasil. www.clubedamedalha.com.br

Medalha 03 | 2012

120 ANOS DA IMPRESA OFICIAL DE MINAS GERAIS

Um dos mais importantes órgãos oficiais do país, a **Imprensa Oficial de Minas Gerais - IOMG**, ao completar seus 120 anos de existência, comemorados durante um ano a partir de novembro de 2011, marca, acima de tudo, sua presença disseminadora da cultura e de agente de transformação social nos 853 municípios mineiros que, dia após dia, recebem o **Diário Oficial do Estado** e, assim, conhecem as ações, programas e políticas públicas.

Berço do inigualável **Suplemento Literário**, patrimônio dos mais caros de Minas e do Brasil, a Imprensa Oficial de Minas Gerais ao resgatar sua própria trajetória gloriosa, avança, sempre à frente do seu tempo, em soluções gráficas e tecnológicas de ponta e, além do jornal impresso, disponibiliza, como opção facilitada, o **Diário Oficial "Minas Gerais"**, em formato digital, via internet.

No restabelecimento de sua originária vocação de **polo inovador e irradiador de cultura**, disponibiliza áreas para tal finalidade, produz livros e impressos também dessa natureza, além de **resgatar, gerar e guardar, em avançados meios digitais, seus avançados meios diversos, obras e acervos que evocam, em geral, as raízes e os fundamentos históricos destes Minas Gerais.**

Eugênio Ferraz
 Diretor-Geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais
 Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do IBIG-MG e da Arcádia do Minas Gerais

A medalha, que tem emissão limitada e numeração sequencial gravada em cada peça, poderá ser adquirida através do Clube da Medalha do Brasil, braço cultural e de divulgação da arte medalhística da Casa da Moeda do Brasil.
 Telefones: (21) 2414-2375/2567 | www.clubedamedalha.com.br | medalha@casadamoeda.gov.br

CASA DA MOEDA DO BRASIL
 CLUBE DA MEDALHA DO BRASIL

BRASIL
 1900 ANOS DE PAZ E BEM-ESTAR

CARACTERÍSTICAS		
Espécie:	Ouro	Prata
Diâmetro:	50±0,2mm	50±0,2mm
Peso:	100±0,20g	64±0,40g
Título:	900	900
Emissão:	2	130
		Bronze
		50±0,2mm
		55±1,65g
		-
		60

Reprodução da ficha catálogo (frente e verso) da Medalha Comemorativa dos 120 anos da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, lançada pela Casa da Moeda do Brasil, no dia 21 de abril de 2012, em Ouro Preto, MG.

Criada originariamente em Ouro Preto, então capital do Estado, a Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais comemorou durante o ano de 2012 seus 120 anos. Todo esse período foi um tempo de reavaliação da Imprensa Oficial e de seu papel junto ao povo mineiro, quando iniciativas, novos projetos e eventos embalsamaram seus festejos, dando um brilho especial na mais que centenária entidade.

Responsável pela publicação do Diário Oficial *Minas Gerais* e pela produção de impressos, documentos técnicos e publicações em geral para órgãos e entidades do governo de Minas, a Imprensa amplia suas ações neste momento, marcando ainda mais sua histórica trajetória. O Minas Gerais é um veículo de caráter oficial e dá legalidade na publicação de atos do governo, decretos e regulamentos de execução estadual. O diário é composto ainda pelos cadernos: “Noticiário”; “Diário do Executivo”; “Diário do Legislativo”; “Diário do Judiciário” e “Publicações de Terceiros”.

A ideia de lançar um Diário Oficial em Minas Gerais é datada do início do primeiro Império, e desenvolvida durante o reinado de D. Pedro I. Em 8 de abril de 1822, o major Luiz Maria da Silva Pinto propõe um plano para a instalação da primeira tipografia oficial do Estado e para publicação de uma Folha como porta-voz dos atos governamentais. Mas só em 6 de novembro de 1891, por meio da Lei nº 8, nas dependências provisórias do antigo Palácio dos Governadores depois sede da Escola de Minas em Ouro Preto, implantou-se a Imprensa Oficial de

Minas Gerais. O Presidente do Estado era José Cesário de FariaAlvim.

Na representativa data de 21 de abril de 1892, a publicação do *Minas Gerais* e dos impressos oficiais se regularizam, coincidindo com a data do centenário do martírio de Tiradentes.

Em 1896, quatro anos depois do lançamento do *Minas Gerais* e quatro antes do alvorecer do novo século o governo decide transferir a Imprensa Oficial para a nova capital, a então Cidade de Minas, atual Belo Horizonte. A mudança ocorreu em 1898, em prédio construído para abrigar o órgão.

Em Belo Horizonte, uma constelação de mineiros desfilou, edificando a sua história, que tem um marco no lançamento do Suplemento Literário em 1966, tornando-se referência nacional no meio literário e acadêmico nacional. Juscelino Kubitschek foi seu médico na década de 20 do século passado. Carlos Drummond de Andrade seu redator-chefe do Minas Gerais. José Maria de Alquimin seu Diretor-Geral e Murilo Rubião o fundador do Suplemento Literário.

Esses são apenas alguns nomes de relevância nacional em mais de um século de história, de uma entidade que está, cada vez mais, inserida na vida de todos os mineiros, resgatando seu glorioso passado.



Foto: Eugênio Ferraz

MÚSICA DOCE MÚSICA MECÂNICA

Composta pelo músico Eduardo Ladeira, a canção é inspirada no Painel “Doce Música Mecânica”, do artista plástico Fernando Pacheco

LETRA

Beberei na fonte
Que me torna sentimental
Banho-me na luz de uma estrela vermelha
Da cor da bandeira do meu quintal
Alguma poesia
E um mundo na estante
Lisboa, Rosa, Anjos e Campos
Trazem-me paz
Trazem-me mais
Numa fantástica literatura
Onde o rubi é Rubião
Em cada gênio
Ferro tenaz
Ferro das Minas
Minas Gerais
Sou um ex-mágico
Que aposentou a cartola
E tira sonhos agora
De uma folha de papel
As teclas do meu piano máquina
Tocam a doce, mecânica canção
Em confidências
Que me abrem como um livro
Espírito livro
O choro e o sorriso
Nascem palavras sob a luz da lua nova
O verso e a prosa
O espinho e a rosa
Nas engrenagens de uma nova história
Tem a memória
De nossos pais
Na doce música dos linotipos
Tem a riqueza de Minas Gerais

Referências:

- “Sentimental” é o nome de um dos mais conhecidos poemas de Carlos Drummond de Andrade contido no livro “Alguma Poesia”, lançado em 1930;
- “Estrela Vermelha” faz referência ao livro de Murilo Rubião, de mesmo nome, lançado em 1953;
- “Alguma Poesia” é um livro de Drummond, já mencionado, e “um mundo na estante” remete ao poder imaginativo da literatura;
- Os 7º e 8º versos fazem um jogo de palavras com o nome de autores que integraram a Imprensa Oficial, no caso Enriqueta Lisboa, Guimarães Rosa, Ciro dos Anjos e Bartolomeu Campos de Queiroz;
- A “paz” está simbolizada no Painel através de um pomba branca;
- “Fantástica literatura” faz referência ao gênero literário no qual Murilo Rubião se enquadra;
- “Em cada gênio / Ferro tenaz” é um jogo de palavras com o nome de Eugênio Ferraz, e faz alusão à perseverança dos que conseguem construir suas vidas por meio da literatura, além de que o ferro remete às montanhas de Minas Gerais, simbolizando nosso Estado;
- “Ex-mágico” faz referência ao piano presente no Painel e simboliza a “doce música mecânica”;
- “Piano máquina” faz referência ao piano presente no Painel e simboliza a “doce música mecânica”;
- “Em confidências” faz alusão à Inconfidência Mineira;
- “Lua nova” era o nome do bar frequentado por escritores que integraram a Imprensa Oficial de Minas Gerais”;
- “O espinho e a rosa” simboliza o vaso de flores presente no painel, e faz referência a Guimarães Rosa;
- “Nas engrenagens de uma nova história / tem a memória / de nossos pais” simboliza o “piano máquina”, que é o surgimento de novas criações literárias, sob influência das obras de todos aqueles que construíram a história literária de Minas Gerais.

Eduardo Ladeira - Cantor e compositor

Imprensa Oficial: novos tempos...



Fotos: Marco Evangelista



As fachadas do Prédio da Imprensa Oficial foram completamente revitalizadas. A pintura foi realizada com tinta anti-pichação. Durante os trabalhos foi lançada a proposta "Nossa Cidade mais limpa", uma parceria entre o Ministério Público de Minas Gerais e a Imprensa Oficial (banner no detalhe).

Fotos: Marco Evangelista



O Projeto Imprensa Musical é uma parceria da Imprensa Oficial com a Polícia Militar de Minas Gerais. O objetivo é levar música e entretenimento às pessoas nas primeiras e terceiras terças-feiras de cada mês, das 18h às 18h30, que esperam ônibus nos pontos em frente a Autarquia. As apresentações acontecem sempre entre 17h e 18h30, horários de maior concentração de público no local.

Foto: Petrónio Souza



O Projeto Memorial da Imprensa foi idealizado pela Direção Geral da Imprensa Oficial e executado, exclusivamente, por meio de esforços de servidores da Autarquia.

Outras novidades na Imprensa Oficial, em 2012, foram as inaugurações da Galeria de Arte, com a exposição do renomado artista mineiro Fernando Pacheco (foto), e do espaço Multimeios, onde são realizadas palestras, exibições de filmes etc. Os espaços estão abertos ao público de segunda a sexta-feira, de 9h30 às 17h30, a visita é gratuita. Acontecerão outras novidades em 2013.

Foto: Petrónio Souza



*Diretor-Geral da Imprensa Oficial

Tomás Antônio Gonzaga e sua residência em Vila Rica

*Ivo Porto de Menezes



Fachada, Edgard de Cerqueira Falcão, Relíquias da Terra do Ouro, p. 222.

Destinada para residência e despacho dos Ouvidores de Vila Rica, a casa construída na “ladeira da Praça” para Antônio Dias, recebeu, em dezembro de 1782, o novo Ouvidor, Dr. Tomás Antônio Gonzaga. Ficava fronteira à Capela da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e na mesma praça para onde foi transferido em 1797 o Pelourinho da Vila.

“... fui honrado pastor da tua aldeia; vestia finas lãs e tinha sempre a minha choça do preciso cheia.” (Lira 77), assim se refere, em seus versos dedicados a Marília, sobre sua morada. Possuía, sem dúvida,

“Honras de maior, manada grossa, fértil, extensa herdade, bem reparada choça.” (Lira 93).

Na parte superior da casa, estava a habitação, enquanto, na inferior ficariam as casas de despacho e, no puxado, os escravos. Como Ouvidor da mais importante das vilas da Colônia, ali também

“em defesa dos bens, que são do Estado, moveu a sábia pluma”. (Lira 62)

“Julgando os crimes nunca voto dava mais duro ou pio do que a lei pedia, mas devendo salvar o justo, ria, e devendo punir o réu, chorava.” (Lira 52)

A casa, por certo, não era um palácio, mas era digna de seu morador, com várias “casas de morada”, seus anexos, seu jardim e chafariz. Ele mesmo não prometia a Marília:

“palácios grandes, nem andarás nos coches voadores.” (Lira 41)

Mesmo depois de promovido a Desembargador da Relação da Bahia, “se demorava havia oito meses na dita Vila sem ter partido para a Bahia a tomar posse do lugar de Desembargador da dita Relação” (Depoimento de Silvério dos Reis, Autos de Devassa, vol 4, 2ª edição, p. 45), alegando Gonzaga estar esperando a “monção” e estando seu casamento marcado para o fim do mesmo mês em que foi preso, maio de 1789 (Autos citados, vol. 5, p. 209).

Havia já solicitado à Rainha licença para o casamento com “D. Maria Dorotéia, filha legítima do Capitão de Cavalos Baltazar João Mairinque”. (Anuário do Museu da Inconfidência, ano IV, p. 212). Já preso, solicita ao Governador Visconde de Barbacena, atestação relativa à sua permanência em Vila Rica, o que lhe é concedido em 23 de maio (Autos cit. Vol. 5, p. 214).

Nesta sua casa, por certo, se reuniam os inconfidentes, em seus “conventículos” e ali “se formavam as leis para o governo da nova república”. (Autos cit. Vol. 1, p. 144, vol. 2, p. 129, vol. 4, p. 94).

Ali sofreu Gonzaga a prisão, sendo-lhe sequestrados os bens, dos quais retirou 60\$000 em dinheiro de prata, que lhe foram entregues para despesas de sua viagem (Autos cit. Vol. 6, p. 50).

Na casa contígua e abaixo morava o Capitão Luis Antônio Sayão, casado com D. Ana Cláudia, tia de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília (Papéis avulsos, Câmara Municipal de Ouro Preto, Arquivo Público Mineiro). Certamente ali passava Marília alguns dias, o que permitiu ao Ouvidor vê-la

**“Quando apareces
na madrugada,
mal embrulhada
na larga roupa, e desgrenhada,
sem fita ou flor:
ah! Que então brilha
a natureza!
Então se mostra
tua beleza
Inda maior”** (Lira 37).

Marília, no entanto, morava em “uma morada de casas nobres, citas

adiante da ponte de Antônio Dias, cobertas de telhas, com seu quintal e nele várias árvores de pinho e outras ... (Auto 781, códice 69, Cartório 2º ofício Ouro Preto), a “um lado do chafariz da Ponte de Antônio Dias” (Anuário Museu da Inconfidência, 1952, p.265). Para lá se dirigia o Ouvidor-poeta:

**“Saio da minha cabana
sem reparar no que faço;
busco o sítio aonde moras,
suspendo defronte o passo.**

**Fito os olhos na janela;
Aonde, Marília bela,
Tu chegas ao fim do dia;
se alguém passa e te saúda,
bem que seja cortesia,
se acende na face a cor.
Que efeito são os que sinto?
Serão efeitos de amor?”** (Lira 21).

Marília é assim descrita:

**“Os seus compridos cabelos,
que sobre as costas ondeiam,
são que os de Apolo mais belos,
mas de loura cor não são.
Tem a cor da negra noite;
e com o branco do rosto
fazem, Marília, um composto
da mais formosa união.
Tem redonda a lisa testa
arqueadas sobranceiras,
a voz meiga, a vista honesta,
e seus olhos são uns sois.
Aqui vence o Amor ao Céu:
que no dia luminoso
o Céu tem um sol formoso,
e o travesso Amor tem dois.
Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpúreas folhas de rosas
brancas folhas de jasmim.
Dos rubis mais preciosos
os seus beijos são formados
os seus dentes delicados
são pedaços de marfim”** (Lira 22)



Chafariz, Anibal Matos, Monumentos Históricos e Artísticos de Minas Gerais, 1935, p. 336 c.



Fachada, Liebenau, 1881, in Gilberto Ferrez, A fotografia no Brasil

O Ouvidor “que todos aclamavam por bom ministro e ele mesmo respondente assim o diz” , como afirma Tiradentes, embora afirme ser seu inimigo (Autos cit. Vol. 5, p. 41), Gonzaga, dizíamos, 23 anos mais velho que sua amada, olhando o seu

**“semblante numa fonte:
dos anos inda não está cortado;
os pastores, que habitam este monte,
respeitam o poder do meu cajado”**(Lira 53)

Conta-se que ficava ele a fazer o vestido de sua noiva, não se podendo acreditar em tal versão, embora, já preso e em sonhos escreva:

“Pintam que estou bordando um teu vestido,

**que um menino com asas, cego e louro,
me enfia nas agulhas o delgado
o brando fio de ouro”**(Lira 60).

Tradição diz ser de mau agouro o noivo ver o vestido da noiva antes do casamento. Quem sabe não seria “um vestido, de casaca vestia e calção de seda amarela tostada” e outros “ditos” que lhe foram sequestrados (Autos cit., vol. 6, p. 48). Seus fâmulos confirmam tal proceder em seus depoimentos na Devassa, pois dizem que ele se negava “a algumas visitas por estar ocupado a bordar um vestido” (Autos cit., vol. 2, p. 485), que lhe havia de servir daí a oito ou dez dias, para seu casamento” (Auto cit., vol 2, p. 489).



*“ Quando à janela saíres,
sem querereres, descuidada,
tu verás, Marília, a minha,
e minha pobre morada.
Tu dirás então contigo:
Ali Dirceu esperava
para me levar consigo;
e ali sofreu a prisão”*

Preso nesta mesma casa,
transportado para o Rio de
Janeiro, “por falta de prisão
suficiente”(Anuário do Museu da
Inconfidência, 1953, p. 56),
passou a viver *“nesta cruel
masmorra tenebrosa
ainda vendo estou teus olhos
belos,
a testa formosa,
os dentes nevados,
os negros cabelos”*(Lira57)

enquanto:

*“eu, Marília, respiro;
mas o mal que suporte,
é tão tirano e forte
que já me dou por morto:
a insolente calúnia depravada
ergueu-se contra mim, vibrou
da língua
a venenosa espada”*(Lira 59)
envelhecendo rapidamente:
*“já, já me vai Marília,
branquejando
louro cabelo, que circula a
testa;
este mesmo, que alveja, vai
caindo,
e pouco já me resta.
As faces vão perdendo as vivas
cores*

*e vão-se sobre os olhos
enrugando,
vão fugindo a viveza dos meus
olhos;
tudo se vai mudando”*(Lira 66)

Lembra à sua amada:

*“ Quando à janela saíres,
sem querereres, descuidada,
tu verás, Marília, a minha,
e minha pobre morada.*

Tu dirás então contigo:

Ali Dirceu esperava

para me levar consigo;

e ali sofreu a prisão”(Lira 74)

e relembra saudoso:

“Chegam as horas, Marília,

em que o sol já se tem posto;

vem-me à memória que nelas

via à janela teu rosto;

reclino na mão a face,

e entro de novo a chorar”

(Lira 82).

Manda, então,

o “sonoro passarinho”:

“Ergue o corpo, os ares rompe,

procura o porto da Estrela,

sobe a serra e se cansares,

descansa em um tronco dela.

Foto: divulgação

***Toma de Minas a estrada,
Na Igreja Nova, que fica
ao direito lado e segue
sempre firme a Vila Rica.***

***Entra nesta grande terra,
passa uma formosa ponte,
passa a segunda, a terceira
tem um palácio defronte.***

***Ele tem ao pé da porta
uma rasgada janela:
é da sala aonde assiste
a minha Marília bela.***

***Chega então ao seu ouvido,
dize que sou quem te mando,
que vivo nesta masmorra,
As sem alívio, pensando”***
(Lira 63)

Dela recebe cartas:

***“Mas vejo, ó cara, as tuas
letras belas;
uma por uma beijo,
e choro então sobre elas.***

***Tu me dizes que siga o meu
destino;
que o teu amor na ausência,
será leal e fino.***

***De novo a carta ao coração
aperto
de novo molha o pranto,
que de ternura verto”*** (Lira 93)

Enfim: “Mostra-se quanto ao réu Tomás Antônio Gonzaga que, por todos os mais réus, conteúdos nestas devassas era geralmente reputado por chefe da conjuração, como o mais capaz de dirigir e de se encarregar do estabelecimento da nova república; ...”, sendo então que “Aos réus, Tomás Antônio Gonzaga, Vicente Vieira da Mota, José Aires Gomes, João da Costa Rodrigues, Antônio de Oliveira Lopes condenam em degredo por toda a vida para os presídios de Angola, o réu Gonzaga para as Pedras...”, conforme o Acórdão dos juizes de 18 de abril de 1792.

“Mostra-se quanto ao réu Tomás Antônio Gonzaga que, por todos os mais réus, conteúdos nestas devassas era geralmente reputado por chefe da conjuração, como o mais capaz de dirigir e de se encarregar do estabelecimento da nova república; ...”

Posteriormente, pelo Acórdão de 2 de maio do mesmo ano, foram reduzidos os “degedros perpétuos ao réu Tomás Antônio Gonzaga a dez anos para a praça de Moçambique...” (Autos cit. vol. 7, p. 216,237,316). Segue, a 25 de maio de 1792, na nau “Princesa do Brasil, para Moçambique, lá chegando a 31 de Julho, hospedando-se, inicialmente, na casa do Ouvidor Dias Barros (Anuário do Museu da Inconfidência, vol V, p. 23), na esperança de que Marília o seguisse:

**“então eu passarei ao reino amigo,
e tu irás depois lá ter comigo”** (Lira 79)

Dizia, anos antes, em uma de suas liras:

**“O ser herói, Marília, não consiste
em queimar os impérios: move a guerra,
espalha o sangue humano
e despovoa a terra
também o mau tirano.**

**Consiste o ser herói em viver justo:
e tanto pode ser herói o pobre
como o maior Augusto.**

**Eu é que sou herói, Marília bela,
seguindo da virtude a honrosa estrada:
ganhei, ganhei um trono,
ah! Não manchei a espada, não o roubei ao
dono!
Ergui-o no teu peito e nos teus braços:
e valem muito mais que o mundo inteiro
uns tão ditosos laços.**

**Aos bárbaros, injustos vencedores
atormentam remorsos e cuidados;
nem descansam seguros
nos palácios, cercados
de tropa e altos muros.**

**E a quantos nos não mostra a sábia História,
a quem mudou o fado em negro opróbrio
a mal ganhada glória!”**(Lira 79)

*Professor Emérito Escola de Arquitetura da UFMG



Fachada, Bicentenário de Ouro Preto, Memória Histórica, 1911, p.38, foto invertida



TODAS AS PORTAS DA ASSEMBLEIA ESTÃO ABERTAS PARA VOCÊ.

Participar da vida política é direito de todo cidadão. Por isso, a Assembleia facilita o acesso para você chegar à Casa do Povo.

Você pode acompanhar o trabalho dos parlamentares, consultar os projetos e as notícias e apresentar sugestões.

Acesse a Assembleia pela internet, TV ou telefone. Ou venha aqui pessoalmente. Fique à vontade, a Assembleia é a sua Casa.

Acesse: www.almg.gov.br

Assista: TV Assembleia – em BH, canal 35 UHF

Fale: Centro de Atendimento ao Cidadão – (31) 2108 7800

Venha: Rua Rodrigues Caldas, nº 30 – Santo Agostinho
Belo Horizonte. Atendimento das 7h30 às 20h.



**ASSEMBLEIA
DE MINAS**
Poder e Voz do Cidadão



Conheça o Brasil... em um só lugar!



Referência na execução de ações educativas de Educação Patrimonial com Inclusão Digital, através de projetos multidisciplinares (matemática, história, geografia, ciências, artes, etc.)

Associe sua marca ao Museu das Reduções:

Novos projetos aprovados: Lei Federal de Incentivo a Cultura
Lei Estadual de Incentivo a Cultura

MUSEU DAS REDUÇÕES
Rua São Gonçalo, 131 - Amarantina
Ouro Preto, Minas Gerais

Telefone: (31) 3553-5182
www.museudasreducoes.com.br
museudasreducoes@gmail.com

INDIC

INSTITUTO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO E
INTEGRAÇÃO CULTURAL